

etnográfica

## Etnográfica

Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia

número especial | 2024

Número Especial - 50 Anos 25 de Abril

---

# A antropologia e o 25 de Abril: introdução

Sónia Vespeira de Almeida, João Leal e Emília Margarida Marques

---



### Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/etnografica/15838>

DOI: 10.4000/etnografica.15838

ISSN: 2182-2891

### Editora

Centro em Rede de Investigação em Antropologia

### Edição impressa

Paginação: 11-15

ISSN: 0873-6561

### Refêrencia eletrónica

Sónia Vespeira de Almeida, João Leal e Emília Margarida Marques, «A antropologia e o 25 de Abril: introdução», *Etnográfica* [Online], número especial | 2024, posto online no dia 20 abril 2024, consultado o 28 maio 2024. URL: <http://journals.openedition.org/etnografica/15838> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/etnografica.15838>

---



Apenas o texto pode ser utilizado sob licença CC BY-NC 4.0. Outros elementos (ilustrações, anexos importados) são "Todos os direitos reservados", à exceção de indicação em contrário.

# A antropologia e o 25 de Abril: introdução

---

*Sónia Vespeira de Almeida,*

*João Leal e Emília Margarida Marques*

---

ALMEIDA, Sónia Vespeira de (sonia.almeida@fcsh.unl.pt) – Departamento de Antropologia – NOVA FCSH; CRIA-NOVA FCSH / IN2PAST. ORCID: 0000-0001-8446-0036.

LEAL, João (joao.leal@fcsh.unl.pt) – NOVA FCSH. IN2PAST. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0513-103X>.

MARQUES, Emília Margarida (emddm@iscte-iul.pt) – CRIA-Iscte / IN2PAST; IHC-NOVA FCSH / IN2PAST. ORCID: 0000-0002-2220-1247.

ESTE NÚMERO DA *ETNOGRÁFICA*, COMEMORATIVO DOS 50 ANOS DO 25 de Abril, procura associar a comunidade dos antropólogos – professores, investigadores, profissionais da antropologia, antigos estudantes ou atuais estudantes – à evocação das transformações que nesse dia se iniciaram e que continuam a marcar singularmente o país em que vivemos, trabalhamos, pesquisamos, em que damos ou assistimos a aulas ou em que nos envolvemos em projetos profissionais ou cívicos de vária índole.

O objetivo não é tanto celebrar a importância do 25 de Abril nas vidas de todos nós. Isso é óbvio. Tanto para aqueles que conheceram a ditadura, como para aqueles que sempre viveram em democracia, existe uma impossibilidade total em imaginar o que seriam as nossas vidas sem esse dia. É essa impossibilidade que torna o 25 de Abril na mais importante data do Portugal dos séculos XX e XXI.

Mais modestamente, o objetivo deste número da *Etnográfica* é o de cruzar o 25 de Abril com a antropologia. O que é que a antropologia disse (ou não disse) sobre o 25 de Abril nos anos imediatamente subsequentes a 1974? Como é que o ensino e a pesquisa em antropologia foram impactados pelo 25 de Abril? O que é que hoje – 50 anos depois – o(a)s antropólogo(a)s poderiam escrever (ou ter escrito) sobre a revolução?

Com estas perguntas em mente, este número da *Etnográfica* está estruturado em cinco secções: “Etnografias da Revolução em Revisita”; “Imagens do País em 1974-1976: Ensaio de Antropologia Visual”; “Antropologia e Revolução: do ISCSPU ao ISCSP (1974-1976)”; “Etnografias da Revolução, Hoje”; “O Que Gostarias de ter Estudado em 1974?”. Procurou-se misturar passado, presente e futuro. Combinámos gerações: investigadores que se interrogaram sobre a revolução enquanto ela decorria; outros – mais velhos – que repararam pouco nela; estudantes e jovens professores que, entre 1974 e 1976, deram o seu contributo para adequar a antropologia ao novo “espírito do tempo”; investigadores e professores nascidos pouco antes ou já muito depois de 1974, a quem propusemos que pensassem em novos ângulos de análise antropológica sobre o 25 de Abril. Temática e geograficamente é um volume também diverso. Fala da Reforma Agrária e da descolonização. Mas também fala de retornados e de turistas. De *grafitis* e de antropologia visual. De Portugal e de Angola. Debruça-se sobre instituições e pessoas. Refere-se a coisas que foram ou estão a ser efetivamente estudadas e a outras que não o foram (mas poderiam ser sido). Mistura artigos mais académicos com testemunhos pessoais. Combina observação efetiva com exercícios de imaginação etnográfica.

Na secção “Etnografias da Revolução em Revisita”, são republicados artigos sobre os anos subsequentes a 1974, escritos por antropólogos que tiveram oportunidade de refletir sobre a revolução. Não são muitos esses artigos. Um é da autoria de José Cutileiro e corresponde ao posfácio que escreveu para a tradução portuguesa de *Ricos e Pobres no Alentejo*: uma análise pouco esperançosa

da Reforma Agrária no sul. O tema da Reforma Agrária é também abordado no artigo de Brian O'Neill e Sandra McAdam Clark agora republicado. E é ainda referido, embora mais tangencialmente, no artigo de Caroline Brettell, cujo tema principal é, entretanto, o contraste entre norte e sul do ponto de vista do seu potencial revolucionário.

Esta escassez de artigos sobre a revolução resultantes de observação etnográfica realizada nos anos imediatamente subsequentes a 1974 dá que pensar. Ela deve, por um lado, ser combinada com os resultados da pesquisa conduzida por Clara Saraiva no arquivo etno-fotográfico do Museu Nacional de Etnologia (aqui publicada na secção “Imagens do País em 1974-1976: Ensaio de Antropologia Visual”). Aí, fica claro que a equipa de Jorge Dias (Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano e Benjamim Pereira) continuou o trabalho, que vinha de trás, de pesquisa sobre as culturas tradicionais de matriz rural em Portugal, sem que as transformações subsequentes a 1974 – com destaque para a Reforma Agrária – tenham interferido na sua agenda de investigação.

E reflete também a debilidade que tinha então a antropologia sobre Portugal, proveniente dos principais centros internacionais de produção antropológica. Essa antropologia havia-se desenvolvido ao longo dos anos 60, graças às pesquisas de Joyce Riegelhaupt, Colette Callier-Boisvert e José Cutileiro, mas a sua influência em Portugal era ainda reduzida. Apesar disso, é a esses antropólogos “estrangeiros” – como Brian O'Neill, Sandra McAdam Clark ou Caroline Brettell – ou “estrangeirados” – como José Cutileiro – que devemos os poucos testemunhos etnográficos disponíveis sobre os anos da revolução.

Essa escassa reflexão antropológica sobre o país nos anos imediatamente subsequentes a 1974 não significou, entretanto, que a revolução não tenha afetado de forma duradoura a antropologia portuguesa nesse período. A secção “Antropologia e Revolução: do ISCSPU ao ISCSP (1974-1976)” procede justamente ao mapeamento das transformações que a licenciatura de Antropologia do ISCSPU (Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina) – renomeado ISCSP (Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas) em 27 de abril de 1974 – conheceu no imediato pós-25 de Abril. O lastro colonial que a Escola transportava ficou para trás, novos professores, ex-exilados políticos, muitos deles fugidos à guerra colonial, passaram a incorporar o corpo docente, e o ensino da antropologia – única licenciatura em ciências sociais existente em Portugal antes de 1974 – foi profundamente renovado. Esta história é aqui contada na primeira pessoa do singular por alguns estudantes e professores que participaram nela (Filipe Ramires, Luís Souta, Dulcinea Gil, Maria da Luz Alexandrino, José Fialho Feliciano e José Cardim), seguindo-se às suas vozes um comentário de José Neves sobre memória e revoluções. Talvez seja essa uma terceira razão para a escassez de estudos antropológicos sobre a revolução: alguns dos que os poderiam ter escrito estavam envolvidos nas lutas que, a seguir a 1974, modificaram a face da universidade portuguesa.

Nestas três primeiras secções, quase todo(a)s o(a)s que escrevem assistiram ou participaram nos processos de transformação do país que se seguiram a 1974. Nas duas últimas secções – “Etnografias da Revolução, Hoje” e “O que Gostarias de ter Estudado em 1974?” – a palavra foi dada a colegas mais jovens, a maioria dos quais não havia nascido em 25 de abril de 1974. Tentou-se assim, 50 anos depois, dar mais visibilidade antropológica à revolução, ao mesmo tempo que se quis assinalar a importância que as novas gerações de antropólogo(a)s português(a)s nascido(a)s depois de 1974 têm vindo a adquirir no trabalho de contínua renovação da antropologia em Portugal iniciado nos anos que se seguiram ao 25 de Abril.

“Etnografias da Revolução, Hoje” propõe um conjunto multifacetado de etnografias retrospectivas da revolução. Sónia Vespeira de Almeida revisita as Campanhas de Dinamização Cultural e Ação Cívica do MFA (1974-1975) à luz de aquisições recentes da antropologia da arte, focando a participação dos artistas naquele programa emblemático e interrogando as suas perceções e práticas da arte como intervenção social e política: como “poesia na rua”. Detendo-se no regresso maciço de cidadãos nacionais residentes nas antigas colónias tornadas países independentes na sequência do 25 de Abril, Elsa Peralta e Bruno Góis observam o caráter marginal – porque “friccional” – da memória desse êxodo face à narrativa, que continua dominante, da exceção do império português. Evocando também África, Inês Ponte encontra rimas para os desencantos do “Abril por cumprir” na obra tardia de Ruy Duarte de Carvalho, com a sua hibridizade entre o académico, o literário e o político e as suas raízes no luto da Angola sonhada na revolução. Pedro Gabriel Silva detalha um exemplo da imensa mobilização popular tornada possível pelas condições de liberdade que o 25 de Abril criou, salientando o confronto coletivo de pequenos proprietários rurais com o negócio extrativista e a sua diluição, em modo individualizante e contratual, à medida que a revolução cedia lugar à “normalidade”. Em contraponto, Cristina Cruzeiro, Ricardo Campos e Cláudia Madeira, ao abordarem a escrita e a imagem da revolução, e de lutas posteriores, sobre as paredes da cidade, acentuam continuidades de ativismo e protesto, sublinhando a relevância do espaço público – hoje como em 1974 – na vivência da democracia.

“O que Gostarias de ter Estudado em 1974?” partiu de uma proposta diferente: a ideia foi colocar exatamente essa pergunta a alguns colegas que à partida, diferentemente dos anteriores, não tinham pesquisa sobre o 25 de Abril. O resultado deste exercício leva-nos a um diversificado programa de imaginação etnográfica da revolução. Nuno Domingos propõe uma etnografia da revolução não descurando as diferentes temporalidades que atravessam este seu exercício, também comparativo, interessando-lhe como o momento revolucionário dilata o “espaço das práticas e imaginações”, bem como a memória pública do 25 de Abril. O seu programa de pesquisa de terreno é ainda

alimentado por interrogações que o levam à situação atual do país e à pluralização da memória. Descentralizar e desconstruir as narrativas sobre a revolução a partir de Angola é a proposta de Ruy Blanes. O seu contributo aborda a domesticação dos discursos sobre o 25 de Abril de 1974, sublinhando a importância de uma história interconectada e atenta às rugosidades da memória. Analisando o seu percurso de investigação, Patrícia Alves de Matos identifica, por um lado, temas possíveis e, por outro, o modo como as mudanças da sociedade portuguesa decorrentes do 25 de Abril de alguma maneira já têm integrado as suas pesquisas, propondo-nos pensar como “a realidade e o imperativo das necessidades humanas” foram conflituamente definidos durante o processo revolucionário português. Marta Prista interroga outras formas de fazer a revolução através da prática turística no contexto da nação em movimento. Interrogando o turismo (revolucionário) e as suas variadas relações com o novo projeto político, a autora revela modos de pensar o país a partir das pessoas em movimento: turistas, cineastas, mochileiros, repórteres, estudantes, militantes e intelectuais.



Esperamos que este número da *Etnográfica*, marcado por diferentes propostas temáticas e abordagens formais, possa contribuir para ampliar as possibilidades de pensar a revolução e para estimular a emergência de novas investigações sobre os processos sociais e culturais de construção e desconstrução da democracia – política, mas também social e económica –, envolvendo cada vez mais a antropologia na compreensão do período democrático e do desafiante mundo de hoje.

Proseguindo assim um caminho, sobre o qual aqui propomos múltiplos olhares, de variadas interceções entre esse momento transformador de Portugal que foi o 25 de Abril de 1974 e o desenvolvimento de uma disciplina – a antropologia – que se transformou ela própria e se renovou profundamente na sequência da revolução.